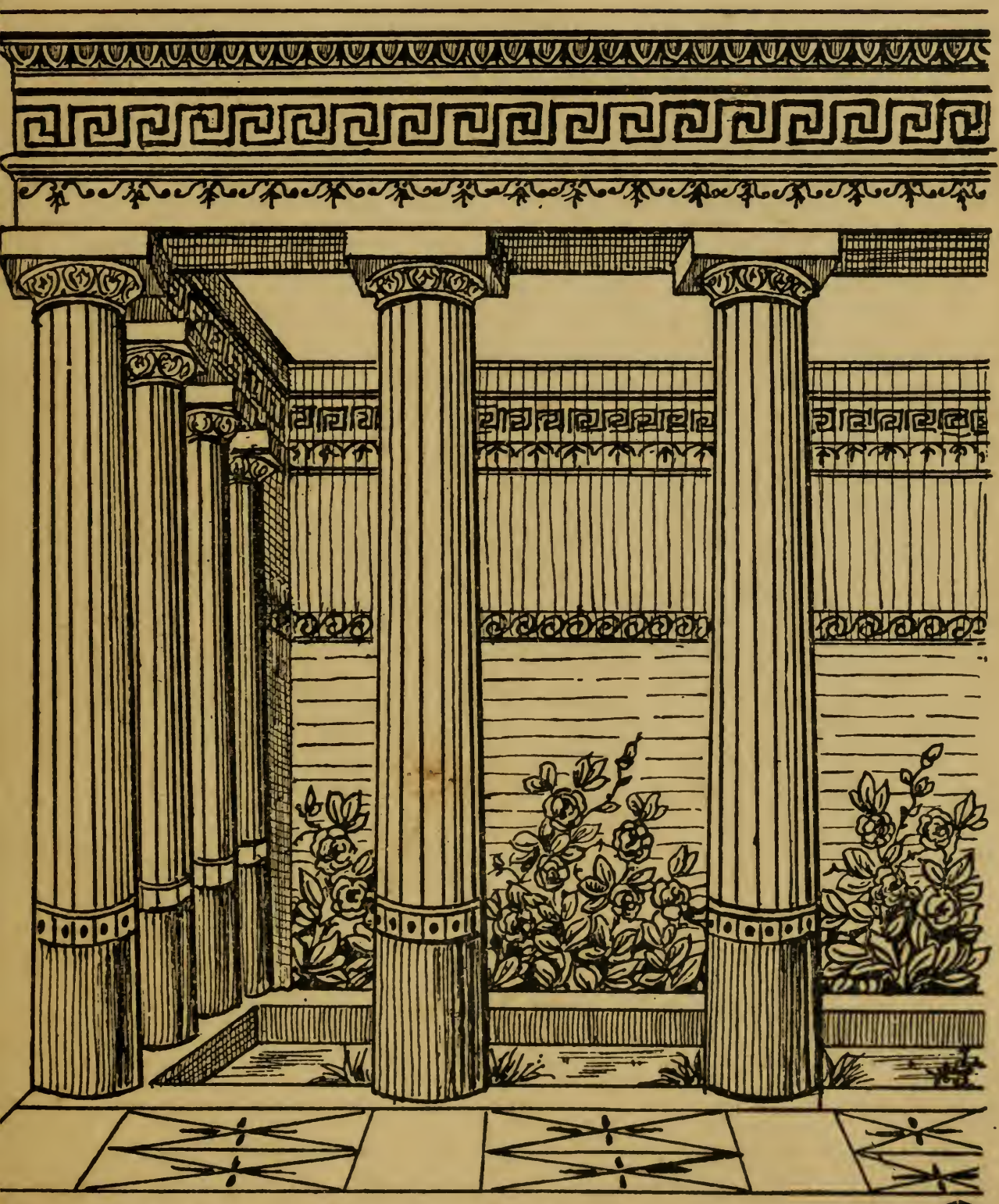
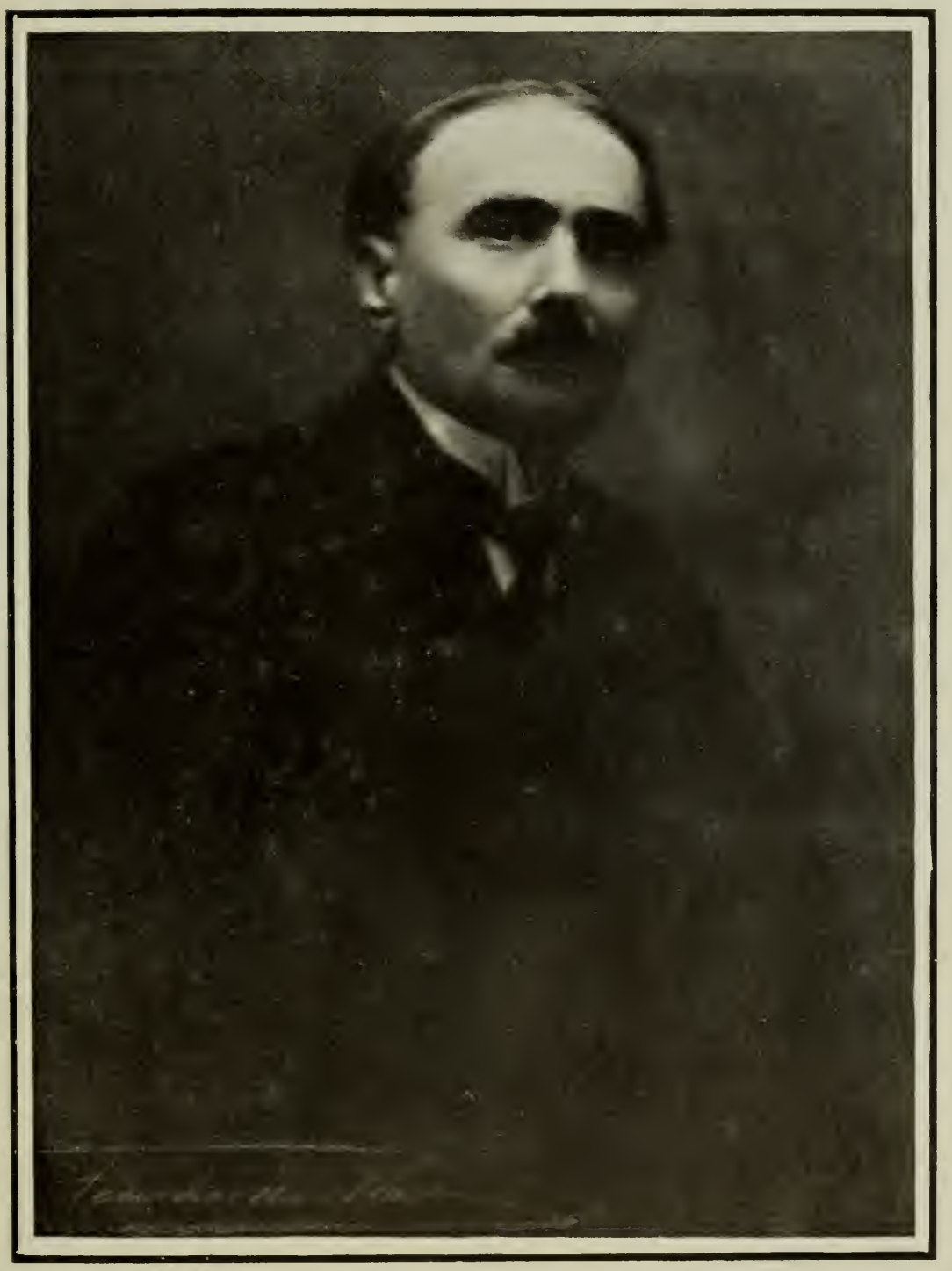
3 1761 07047946 4

PQ
9261
G5R6

AVGVSTO GIL



ROSAS DESTA MANHÃ



ÚLTIMO RETRATO DO AUTOR

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/rosasdestamanh00gila

ROSAS DESTA MANHÃ

AUGUSTO GIL

Rosas desta manhã

(Versos, interpretações e paráfrases dalguns epigramas gregos)

PQ
9261
G5R6

EXEMPLAR N.º 236

Sorgete, ombre sante e benedette
d'ell'antica Grecia!

Mantegazza.

Gli amori degli uomini

«ROSAS DESTA MANHÃ»

A ilustre viuva de Augusto Gil, a quem beijo respeitosamente as mãos, quis ter a sensibilizadora deferência de enviar-me o manuscrito do livro póstumo do poeta, para que a sua publicação fosse precedida de algumas palavras minhas. Conservei-o bastantes dias sôbre a minha mesa de trabalho, entre um ramo de flores e uma espátula de prata, sem coragem para abrir o envólucro que o continha. Abri-o hoje. E não pensei na morte; pensei na primavera, quando li, na sua colorida frescura, o título que, pouco antes de morrer, Augusto Gil deu ao seu livro de despedida: Rosas desta manhã.

Emquanto, no silêncio do meu gabinete, folheava êsses quartos de papel em que o poeta, numa letra já incerta e irregular—letra de enfêrmo que escreve

deitado—deixara, com os seus últimos versos, os últimos lampejos do seu espírito tão delicado e tão subtil, encontrei a explicação das tendências que caracterizaram grande parte da sua poesia e, em especial, o Canto da Cigarra *e o* Luar de Janeiro. *As composições dêstes dois livros e muitos trechos da sua restante obra—trechos rápidos, conceituosos, mordazes, duma concisão e duma elegância lapidar —são de natureza acentuadamente epigramática, tendo-me algumas vezes lembrado, não nos conceitos, mas na índole e na forma, certas composições dos poetas gregos da decadência. Estava, então, longe de supôr que Augusto Gil—pouco inclinado às leituras clássicas, como quási todos os grandes sonhadores—conhecesse os poetas das antologias de Meleagro e de Filipe de Tessalónica, cujas composições, breves e nítidas, com a pureza de recorte dos camafeus antigos, se pareciam tanto com as suas. O livro póstumo do admirável lírico do* Luar de Janeiro *trouxe-me a explicação dêsse parentesco literário. Com efeito, os epigramistas gregos eram familiares a Augusto Gil—senão no original, pelo menos nalguma tradução francesa—e tão familiares, que as quarenta poesias de* Rosas desta manhã *são, todas elas, ver-*

sões, equivalências ou paráfrases de muitos dos velhos poetas amorosos e irónicos—flores espirituais da antiga Héllade—que Jacobs reuniu na Anthologia graeca *e que Bergk vulgarizou nos* Poetae lyrici graeci. *Lá encontramos, não apenas versões felizes de Anacreonte, de Sapho, de Platão, de Demódoco, mas paráfrases dos esculturais epigramas de Simónides de Céos, de Leónidas de Tarento, de Moschos de Syracusa, do cirenaico Callímaco, de Meleagro, de Cleóbulo de Lindos, de Filipe de Tessalónica, de Asclepíades de Samos, e doutros, embora menos célebres, em cujas composições a irreverência dos conceitos se alia à pura graça helénica da expressão. Todos êles são, afinal, arqui-avós espirituais de Augusto Gil. O poeta epigramático do* Canto da Cigarra, *mercê de influências de leitura que no seu espírito perduraram e que contribuíram poderosamente para a formação do seu lirismo, descende afinal, em linha recta, dos poetas gregos da decadência, que conheceu, que traduziu, que imitou, e de quem herdou a malícia, a mordacidade, a subtileza, a graça fugitiva, e aquela sobriedade de processos, aquela nitidez verbal, aquela concisão elegante que foram o segrêdo da alma grega.*

Li, com verdadeiro encanto, as Rosas desta manhã. *O encanto melancólico, é certo, de quem ouve a voz de um túmulo; mas os poetas que o génio bafeja estão perpètuamente vivos na nossa alma, e a auréola de imortalidade que os envolve empresta-lhes, não apenas a ilusão da vida, mas a ilusão da juventude. Os versos póstumos de Augusto Gil deram-me a impressão de um braçado de rosas que, abertas há dois mil anos nos jardins de Syracusa, conservassem ainda o viço e o perfume da hora em que foram colhidas.. A frescura, a graça luminosa da expressão, são, neles, inegualáveis. Parece que a mão do poeta nem de leve os tocou. Composições brevissimas, contendo às vezes, num simples distico, um mundo de coisas, êles pertencem, na essência, aos poetas gregos da Antologia; e, entretanto, há neles muito de original, que indiscutìvelmente pertence ao poeta parafraseador. Como D'Annunzio dizia das belezas literárias que renovava, o ouro é o mesmo; a cunhagem é que é diferente,—e é, tôda ela, de Augusto Gil. Confrontando com os originais algumas poesias—por exemplo, as duas de Leónidas de Tarento, vulgarizadas na edição de Meineke—reconhecemos fàcilmente que, na paráfrase, essas composi-*

ções são menos do poeta grego do que do poeta português. Nessas, como em tôdas, a simplicidade é linear, a rima natural e fácil, expontânea a graça da expressão, o corte estrófico admirável. Não há uma palavra a mais, nem uma palavra a menos; sente-se que tudo está no seu lugar próprio; a harmonia e o equilibrio das quantidades dão, a quem lê, uma impressão de repouso; parecem versos escritos para gravar em mármore, no friso dum templo clássico, entre os loureiros sagrados de Apollo. A não ser que os traduzisse Eugénio de Castro, os velhos poetas da Antologia de Meleagro não podiam ter encontrado melhor intérprete em lingua portuguesa.

Infelizmente, a nobre mão que escreveu êstes versos imobilizou-se há um ano no túmulo. Mais de um ano decorreu já sôbre essa triste noite em que Augusto Gil, no seu leito de moribundo, pediu à ilustre senhora, que foi sua esposa, para lhe abrir de par em par as janelas do quarto, na ânsia de ver pela última vez o brilho das estrelas, e olhando-as, num estremecimento que mais parecia um arrepio de frio, se ficou para sempre na morte. Êsse lirico amorável, em cuja alma cantavam, ao desafio, uma cigarra e um rouxinol, e em cujas rimas havia o

timbre jovial de dois cimbalos de oiro tinindo, diz-nos, nas Rosas desta manhã, *o seu último adeus. Emudeceu agora, para sempre. Se o pequeno Amor côr-de-rosa, que Juliano do Egipto cantou, pudesse de novo descer à terra, iria poisar, docemente, na sepultura de Augusto Gil.*

JULIO DANTAS.

I

A OMNIPOTÊNCIA DOS AMORES

(DE FELIPE DE THESSALÓNICA)

Com alto escarceu,
Com rija grita e desbragada troça,
Uma chusma d'amores tomou o céu.

Mas os deuses fizeram vista grossa,
Ou antes: riram com sorriso terno
Ao verem a olímpica morada
Transformada
Num inferno . . .

Um amor
De rosto gordanchudo e petulante
Acercou-se de Júpiter tonante
E surripiou-lhe o raio vingador!

Não se mostrou receoso nem surpreso:
Com a mãozita fê-lo rodopiar
No ar
— Como se fôsse algum tição aceso . . .

Outro, que era de todos o mais velho,
Depois de andar por algum tempo à roda
De Venus, foi poisar-lhe num joelho
— E molhou-a toda . . .

Outro chegou-se a Hércules membrudo
e tirou-lhe a clava,
Com gesto decidido e ar sisudo.
Como ela pesava,
E como não podia sustenta-la,
Desatou logo a rebola-la
Na olímpica mansão
Com o fragor reboante dum trovão . . .

A OMNIPOTÊNCIA DOS AMORES

Outro, que era o mais lindo da caterva,
(Côr da lua d'Agosto e côr de rosa)
Voltou o capacete de Minerva
E fez nêle uma coisa mal cheirosa . . .

.

E sucessivamente:
Ficou Neptuno sem o seu tridente
De pontas aguçadas;
O deus da mercancia e dos ladrões
Sem as sandálias lépidas, aladas;
E Bacho sem o tirso de festões
De parra verde e d'uvas capitosas,
Mais doces do que o mel onde haja rosas . . .

Se aos deuses imortais aconteceu
Que em pleno céu,
Em plena e deslumbrante majestade,
Fossem por amorzinhos desarmados,
Desfeitiados,
— Como é que pode conseguir, como há de
Resistir-lhes a fraca Humanidade?

II

TERNURA CIUMENTA

(DE DIÓTIMO DE MILETO)

Velhinha rabujenta e repontona:
Por teres aleitado essa donzela,
Podes coibir que eu olhe para ela
Como se fôras sua mãe ou dona?

Se eu não a sigo, se eu não a persigo
E se é mais linda que a mais linda estrêla,
Que mal lhe pode resultar de vê-la,
Que mal, ou que receio, ou que perigo?

No templo duma deusa esbelta e fina
Quem fecha os olhos ante o seu altar?
Que culpa haverá, pois, em contemplar
A tua formosissima menina?

ROSAS DESTA MANHÃ

Não me resmungues, não te finjas fera,
Que o teu ciume tem avêsso terno:
Tu és, oh velha ama, o frio inverno
— E nós... a primavera!

III

A SÍRINX

(DE MNASALCO)

Oh velha frauta rústica e modesta,
Inocente regalo dos pastores,
Por que fadário mau te encontras nesta
Libidinosa estância dos amores?

Sobe às encostas de pomar e vinha,
Torna à pureza da montanha alpestre
Aonde a clara fonte murmurinha
— E o amor é dôce, qual o mel silvestre . . .

ROSAS DESTA MANHÃ

Deixa Afrodite d'incansável cio,
Que tem fundas olheiras de manhã,
E alegra, ainda mais, o alegre estio
Nos lábios rubros e húmidos de Pan.

É arte simples e sem artifício
Teu som canoro aos rouxinois egual...
Foge à luxúria que é esteril vício
— E canta o amor forte e natural!

IV

NO TÚMULO DUMA CRIANÇA

(DE DIODORO)

Era perfeitamente um passarinho
Esbelto, saltarico e cantador . . .

Acolhe-a com carinho,
Recebe-a com amor
E sê-lhe lèvezinha, oh terra mãe!
Pois que tão leve ela te foi também . . .

V

O DOCE POMO

(DE PLATÃO)

Olha: vou atirar
Com êste pomo ao ar . . .

Apanha-o! E se for,
Ah! se for verdade
Que me tens amor,
Dá-me a tua fulgente virgindade
Como quem dá um casto lírio em flor!

Se não m'estimas, seiozinho esquivo,
O pomo, ainda assim, é teu também,
Para verificares que é fugitivo
O olor que tem
E o seu mavioso e dúlcido sabor . . .

— Eterno, cá na terra, só o amor!

VI

NO TÚMULO DE MIDAS

(DE CLEÓBULO DE LINDOS)

Sou a virgem de bronze que assina-lo
Ao caminhante, o túmulo de Midas
— Vida que valeu bem por muitas vidas.

Prostrada me quedei a deplora-lo . . .
E enquanto os arvoredos derem flor
E os rios para o mar se encaminharem,

— Perpètuamente fiel à minha dor,
Aqui me encontrarão os que passarem . . .

VII

A NOSTALGIA DA PÁTRIA

(DE PLATÃO)

Somos tudo quanto resta
D'Erétria, da nossa terra.
Alegremente, com a alma em festa,
Viemos todos, todos, para a guerra.

Alegremente
Altivamente,
Com a bravura dos heróis antigos,
Cada um de nós, sempre a lutar na frente,

Caíu prostrado
No chão regado
P'lo sangue quente
Dos inimigos...

E agora, já passada a èbriedade
De assassinar e de morrer na guerra,
Oh deuses imortais! quanta saudade!
— Que longe, como é longe a nossa terra!...

VIII

O ESPÊLHO DE LAIS

(DE PLATÃO)

Eu, esta Lais d'orgulho insubmisso
A cuja porta vinham os amantes
Como abelhas doiradas ao cortiço...

Eu, esta Lais que tinha d'antes
O rosto lindo e lêdo;
Eu, para quem a altiva Grécia era
Um leve, fútil e infantil brinquedo;

ROSAS DESTA MANHÃ

A ti, Beleza que se não altera
A ti, ó Deusa, o meu espêlho dou:

—Não posso ver-me como d'antes era!...
—Não quero ver-me como agora sou!...

IX

NO TÚMULO DE TEMÓCRITO

(DE ANACREONTE)

Aqui dorme o seu sono derradeiro
Temócrito, guerreiro,
De rigíssimos feitos excelentes,
Altivos e famosos.

São regras já sabidas, já assentes,
Que Marte poupa sempre os mais medrosos
E empurra para a Morte os mais valentes.

X

A UMA LINDA MULHER QUE CASOU TARDE

(DE SAPHO)

Oh donzela bela, és semelhante
Ao fruto colorido e odorante
Que lá ficou, ao sol, por apanhar,
Na ramada cimeira
Da árvore mais alta do pomar...

¿Mas como aconteceu desta maneira?
¿Os jovens que os mais frutos recolheram
¿Não o viram, ou dêle se esqueceram?

ROSAS DESTA MANHÃ

Não!
Nenhum daqueles moços era falto
De vista penetrante ou de atenção...
—¡Não puderam subir até tão alto!

XI

EPIGRAMA CÓMICO AO AMOR

(DE JULIANO DO EGITO)

Um dia,
Em que tecia,
Com olhos contentes
E mãos deligentes,
Capelas de rosas,
Entre uma das rosas, achei um Amor.

Peguei-lhe nas azas com todo o geitinho,
Tirei-o da flôr,
Deitei-o depois numa taça de vinho,
E ao beber sequioso
O vinho capitoso,
—Enguli também o pequenino Amor...

ROSAS DESTA MANHÃ

Quis que fôsse a minha taça o seu esquife
E o meu peito a sua negra sepultura...
Porém o maroto, porém o patife,
Ainda vive! Ainda mexe! Ainda dura!

Furou-me o estômago, mudou de prisão
E faz-me cuidado,
Dá-me aflição,
Senti-lo cá dentro, raivoso e irado,
—A bater as asas no meu coração!...

XII

O MOSQUITO ALCOVITEIRO

(PARÁFRASE A UM EPIGRAMA DE MELEAGRO)

Mosquitinho zumbidor,
Não zumbas àsperamente
Com êsse agudo estridor,
— Agudo e impertinente.

Zumbe em torno ao leito dela
Uma nota doce e mansa,
E o seu sono de donzela
Muda em sonhos de criança.

Som brandinho e musical,
Som bem leve e segredado
—Que não acorde o rival
Adormecido ao seu lado . . .

ROSAS DESTA MANHÃ

Quando vejas que êle está
Preso todo por Morfeu,
Acerca-te dela e dá,
Dá-lhe êste recado meu:

Que lhe quero tanto, tanto,
Tão profundissimamente,
Que nem sei dizer-lhe quanto
A minh'alma sofre, sente . . .

Sofrimento que é prazer,
Que é um prazer infinito!
Faça-me embora morrer,
Procuro-o,— não o evito . . .

Como paga merecida
Dum só beijo que me desse,
Dava mil anos de vida,
Dez mil vidas que tivesse!. . .

Mas... como hei-de eu exprimir
Êste amor, se o não entendo?
Ás vezes, ponho-me a rir
—E o pranto vai-me correndo...

Conta-lhe isto e muito mais
Pois que tudo—ainda é pouco...
Fazendo loucuras tais
Claro está que sou um louco.

Mas, sem pejo nem temor,
Confirmo: perdi o siso.
—Juízo sem ter amor
Não serve, não o preciso!...

Para prémio e recompensa
Que vencerás, mosquitinho?
Trinta dracmas d'avença?
Ou quinze talhas de vinho?

Ou isso, ou visto-te, então,
D'Hércules fero e valente,
Pondo-te a pele dum leão
—E a clava correspondente...

Tôda a fêmea de mosquito
Que te encontre e veja assim,
Com duplo, estrídulo grito
Zumbe logo: A mim! A mim!

XIII

CEGUEIRA DE AMOR

(DE MELEAGRO)

Um caso singular,
Mas sempre verdadeiro:
Se poiso em ti o olhar
—Abranjo o mundo inteiro!...

Porém, oh fado tôrvo e prepotente,
Porém, oh sorte pêrra e negregada,
Se tu não vens, e passa tôda a gente,
Cego de repente
—Já não vejo nada!...

XIV

EPIGRAMA CÓMICO A VÉNUS

(DE ANTIPATRO)

Três idades passaram nêste encêrro
Da vida:
A d'oiro, a de prata e a de ferro.

Vénus, a bela deusa das beldades,
Que das alvas espumas foi nascida,
Pertence a tôdas essas três idades:

ROSAS DESTA MANHÃ

Alegre acolhe quem no seu tesoiro
Despeje as mãos, a transbordarem d'oiro...

Mas nem por isso expulsa ou desacata
Os que—por míngua d'oiro—lhe dão prata...

E aos que só moeda de vil ferro dão...
¡Nem mesmo a êsses—ela diz que não!

XV

MENSAGEM AOS LACEDEMÓNIOS

(DE SIMÓNIDES DE CÉOS)

Vê, caminhante, êste local silente
Do nosso eterno sono intemerato,
E vai a Esparta e dize à nossa gente
Isto—ùnicamente:
Que foi executado o seu mandato.

XVI

A FERA DEVASTADORA

(DE LEÓNIDAS)

Um lobo gigantesco e carniceiro
Nos devorava todo o nosso gado,
Desde o mais manso e tímido cordeiro
Ao toiro de furor mais assanhado!

Até prostrava a sanha dos molossos
E a intrepidez viril dos zagais moços!...

Mas Evalkes, pastor, saltou-lhe à frente,
—Estrangulou-o vigorosamente!

ROSAS DESTA MANHÃ

E finda a luta, lesto e prazenteiro,
Logo o atou,
E pendurou,
Aqui, neste pinheiro!...

XVII

DOCE REMÉDIO

(DE AUTOR DESCONHECIDO. NUMA BOCETA DESTINADA PRESUMIVELMENTE A COLÍRIO).

Teus olhos, fontes dos meus vãos desejos,
São enfermos d'amor e de carinhos!
Quem me dera sará-los com dois beijos,
Aos dois irmãos doentinhos...

XVIII

HELIODORA, A BEM FALANTE

(DE MELEAGRO)

As Graças eram uma, duas, três — e pronto...
Agora — se tu falas — já não têm conto!

XIX

A VÍBORA

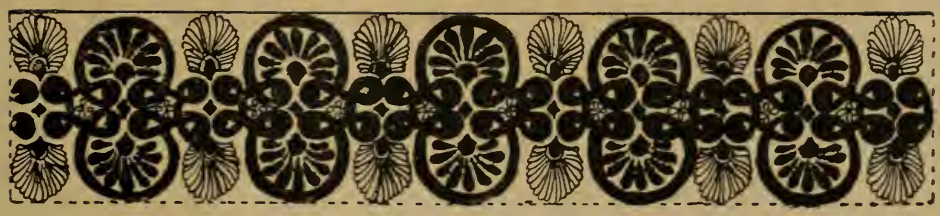
(DE DEMODOCO)

Um dia, uma víbora, mordeu n'um pé
A pérfida Cloé.

Preguntarão: Que sucedeu
À pérfida Cloé?... Morreu?...

Isso morreu ela!...
Mal sentiu a mordedela.
Não teve febre, nem ardor, nem nada.

—A bicha é que morreu envenenada!



XX

O VOTO DE MÈNITAS DE LICTOS

(DE CALÍMACO)

Finalmente, voltei à minha terra,
Salvo do turbilhão brutal da guerra.

Oh Zeus! eis o meu arco e o meu carcaz
Que testemunham muito feito audaz
e acções eméritas.

Setas, a minha oferta não as traz
—Porque as deixei no peito das Hespéritas.

XXI

NO TÚMULO DUM NÁUFRAGO

(DE PLATÃO)

Venturosos sejais, oh marinheiros,
Tanto na terra como no mar largo;
Não tenhais, nunca, um só momento amargo,
Singrai com rumo lépido e certeiro!

Mas vêde, vêde bem, tomai cuidado
Sempre! por dia e noite—a toda a hora:

No cabo ameno que dobrais agora,
—Jaz um naufragado...

XXII

A MORTE DO PASTOR

(DE DIÓTIMO)

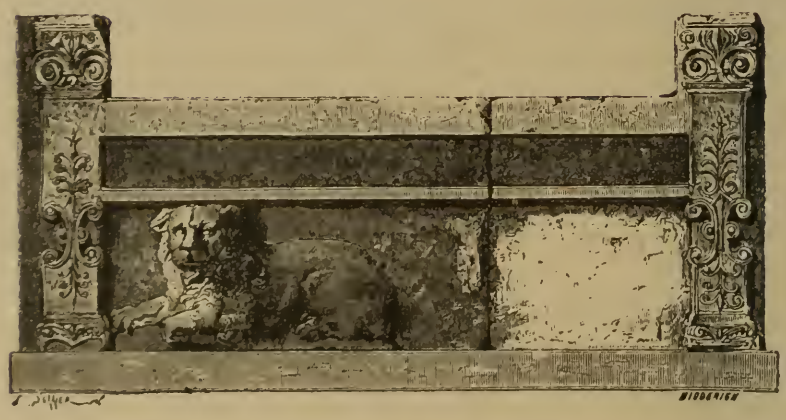
Recolheu a boiada lentamente
Ao tépido estábulo sozinha.

Therímaco, pastor de olhar fulgente,
Porque não vinha?
Porque deixou assim abandonado,
Sem guia e vigilância, o manso gado?

O fogo do céu
À terra desceu:
E quando o ar estrepitou, rugiu,
O pobre do zagal já nada ouviu!

ROSAS DESTA MANHÃ

Naquele monte que recorda o Pindo,
Mas onde o mais do tempo é duro inverno,
O pastor lindo
Está dormindo
O sono eterno...



XXIII

O VOTO DE LUCÍLIO, MARINHEIRO

(DE LUCIANO)

Para Glaukos, e Nereia, e Melicerto,
Filho d'Ino,
Neto esperto
Do valente Cádmo, cuja fama vem
Lá de tão longe...; para o filho submarino
De Kronos e também
Para os deuses bons que Samotrácia adora;

ROSAS DESTA MANHÃ

Eu, pobríssimo Lucílio, venho agora,
Por saír-me vivo do furor do mar,
Depôr os meus cabelos
Ondulados e belos...

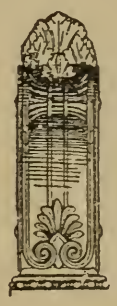
—Ai de mim, que nada mais vos posso dar!

XXIV

O SAQUE DOS TIRRENOS

(DE SIMÓNIDES)

À tomadia feita ao inimigo
E aos que a traziam com rapace mão,
O mesmo mar tornou-se-lhes jazigo
—Foi o mesmo navio o seu caixão!



XXV

NO TÚMULO DUMA HETAIRA DE COLOFON

(DE ALCESPÍADES DE SAMOS)

Encerro os vis despojos, a carcassa
Da esbelta cortezã Archéenassa.

Já quarentona, ainda tinha laços
Que escravisavam prepotentemente...

Que divina cadeia a dos seus braços!
Que aroma o do seu hálito candente!

Que incêndio flamejante de desejos
E que felicidade
Foi a de quem fruiu os ígneos beijos
Da sua mocidade!

XXVI

A CRATERA DE VINHO

(DE ANACREONTE)

Oh Ephaísto célebre, que vives
De lavrar metais preciosos
E que és, na bela classe dos pratives,
O mais famoso dentre os mais famosos:

Aqui tens esta barra. É prata fina
Duma longínqua e extenuada mina.

ROSAS DESTA MANHÃ

Não me façais com ela uma armadura.
Detesto a guerra. Quero paz, cordura...

Fazei-me com mestria e com carinho
Uma cratera para encher de vinho...

Mas atendei, mas escutai, mas vêde,
Cavai-a bem, tornai-a larga e funda:
Para quem tenha paladar e sêde,
O vinho, embora muito, não abunda!

Não graveis nela os signos astrais:
Cabeça no ar sou eu—até de mais...

Relevai-lhe na parte mais bojuda
A cara nédia, rubra e bochechuda

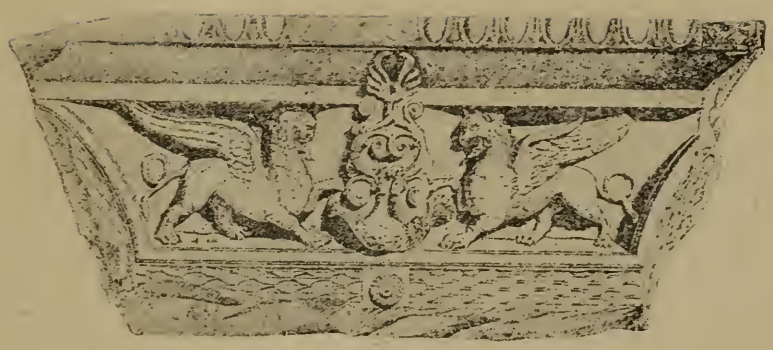
De Bacho, a rir, a rir, a rir a êsmo
De mim, da Humanidade—e dêle mesmo!...

XXVII

EPITÁFIO

(DE CALÍMACO)

Doze anos! A que posso compará-la?
Foi um botão de flor, essa criança.
O pai sepultou nela, ao sepultá-la,
O extinto sol da mais fulgente esp'rança...



XXVIII

FELIZ MEDIANIA

(DE LEÓNIDAS DE TARENTO)

Eis de Cliton, a cazinha.
Rodeia-a um horto (dá-lhe lenha e fruta),
E uns centos de pés de vinha,
E uma seara deminuta.

Quando um ricaço veja isto, ri...
(Água abundante exige largos canos...)
Pois sim; mas Cliton já contou aqui,
Com alegre saùde, oitenta anos!

XXIX

A CEIA DOS RATOS

(DE LEÓNIDAS)

Ratos nocturnos para que teimais
Em roer e esburacar esta choupana,
Se lá dentro, afinal, não encontrais
Com que satisfazer a vossa gana?

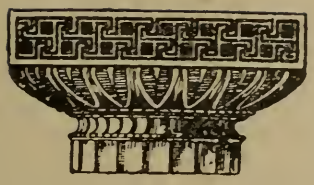
Essa voracidade e gulodice,
Na minha cabana,
São uma tolice...

Com umas ervas tenras, algum sal,
E um cóscoro bolinho de cevada,
Não se passa mal;
Bastam-me: não preciso de mais nada.

E reparai vós:
Quando ao mundo vim
Era já assim
Na casa de meus pais, dos meus avós.

Correi para as dispensas e ucharias
Pertencentes a gentes que se votem
A lautas comedorias
E, de fartura empanizante, arrotem.

Aqui, no esconso e desprovido lar,
Na toca de Leónidas, o velho,
Não achareis, jàmais, para cear
—Nem a ponta dum chavelho!...



XXX

A IRONIA DO AMOR

(DE MELEAGRO)

Eu troçava dantes,
Com gestos farçantes
E riso escarninho,
Dos jovens amantes

Que se encharcavam toda a noite em vinho
Para afogar as decepções do amor...

A mim, porém, aconteceu-me pior,
Muito pior do que seria esta
Derivante falaz das libações:

Pregou-me à tua porta o fero Amor
Com um letreiro assim: «Eis o que resta
Dum toleirão com altas pretensões!»

XXXI

A PAZ DA MORTE

(DE SIMÓNIDES)

Do teu Mèglacos a funérea sorte
Quem ma dera a mim...
Feliz o homem que depois da morte
Foi chorado assim!

A morte é sempre a amiga mais serena.
(Vida serena, eu, quando a vivi?!)
Do teu marido, pois, não tenho pena,
Sinto-a, oh linda Cálias,—mas de ti...

6

XXXII

A FELICIDADE

(DE PERSES)

Mortais: Ticòn me chamo; sou um deus,
—Um deus menor e de trazer por casa.
Outros possuem dons em barda. Os meus
São lume vivo de escondida brasa...

Ninguém me peça (que é inútil ância)
Coisas de monta, casos de importância.

Gordinho e bem assado, um anho dá
melhor manjar do que alentadas reses:
A felicidade está
Em pouco, em quási nada—muitas vezes!

XXXIII

CUPIDO TORNADO LAVRADOR

(DE MÓSCOS DE SIRACUSA)

O loiro Amor de cabeleira ondeada
E de ânimo ora vário, ora tenaz,
Ergueu com altivez uma aguilhada
E deitou fora as setas e o carcaz;

Depois, com gesto lesto e poderoso,
Jungiu dois grandes toiros ao arado
E labutando alegre e pressuroso,
Deixou lavrado um campo e semeado.

Volveu então os olhos para os céus
E ameaçou, desta maneira, Zeus:

ROSAS DESTA MANHÃ

Como ninguém, nem tu! comigo manga
Quer no céu, quer na terra, quer no mar,
Exijo nesta seara muito pão,
Se não,
Toiro d'Europa, boto-te uma canga
—E obrigo-te a lavrar!...

XXXIV

ANSIEDADE

(DE MELEAGRO)

Oh refulgente estrêla da manhã
—Faz'-te, hoje mesmo, estrêla do pastor!

Assim, talvez não seja esp'rança vã
Que a dona esquiva dêste claro amor,

Aquela pela qual meu peito arde
Num grande fogo crepitante e ledo,

Volte logo à tarde...
—Já que foi tão cedo!

XXXV

UM FRISO

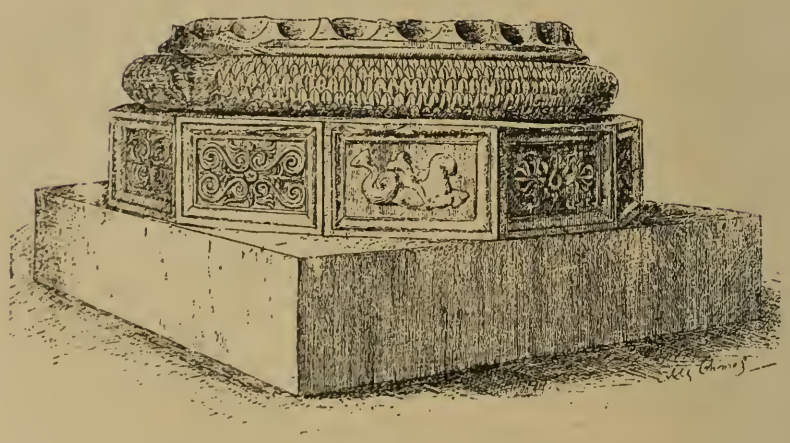
(DE ANACREONTE)

Esta que leva o tirso e o balança
Com graciosíssimo meneio
É Kéliónias, quási uma criança;
Xantipa, a mais formosa, vai no meio
E Glauka, a mais esbelta, fecha a dansa...

Ao cristalino sol que tudo banha
E enche de alegria
Descem, bailando, a lomba da montanha
Em ritual e virginal teoria...

Após três dias de contínuas chuvas
De carregada e parda atmosfera,
O outono parece hoje a primavera!

E as três donzelas, com filial carinho,
Trazem a Dionisos cachos d'uvas,
Festões de hera
E um anafado e cândido chibinho...



XXXVI

COMEU, BEBEU, FOLGOU...

(DE SIMÓNIDES)

Ignoto caminhante,
Pára, por um instante,
Neste lugar, se podes:
Que jaz aqui Timócreòn, de Rhodes!

Passou folgada vida prazenteira,
Foi sol sem nuvens, claro e matinal.
Comia muito mais que uma frieira
E a beber, excedia um grande areal!

Teve também est'outra qualidade:
Dizia, com pilhéria, sempre mal
Da fedorenta e pífia Humanidade...

XXXVII

O ENGUIÇO

(DE NICARCO)

É um sinal de morte
O canto das corujas:
Mas tu, Demófilo, inda as sobrepujas,
O teu preságio inda é maior—mais forte!

Se cantas,
Aterras tudo, tudo assarapantas,
As coisas mais insólitas ocorrem,
E as próprias aves agoirentas—morrem!

XXXVIII

ORGULHO DESFEITO

(DE ARQUILÓQUO DE PAROS)

Planja a minha lira e vergue a minha fronte!

Colunas de Nacsos e de Aristòfonte,

Signos eloqùentes
Altívolos sinais
Que vos supúnheis permanentes
E vos julgáveis imortais...

ROSAS DESTA MANHÃ

Ai de vós! Ai de vós! Agora estais
—Qual raiz morta, e funda, e de má casta—

Sepultadas,
Humilhadas,

No âmago letal da terra vasta...

XXXIX

PROFECIA

(DE KLÍDIAS)

Num dia azul e oiro, um rapsodo idoso,
De barba clara e fina
Como a espuma do mar a branquejar na areia,
Veio sentar-se à esquina
Do templo harmonioso
De Pallas Athenêa.

Absorto, indiferente,
—Não como quem repoisa,
Mas como quem medita, —
Ficou-se a olhar, sem ver ninguém, nenhuma coisa,
O refluir da gente
Que em de redor se agita...

Mas, cristalino e alto, um riso de criança
Vibrou e retiniu alacremente puro
—Trilo de rouxinol gorgeando numa França—

E o Poeta, alçando a voz, num largo canto, disse:
«Á tua infância auguro,
Longinqua e venerante, a honra da velhice...»

XL

O SENTIDO DUM HEXAMETRO DE FOCLIDES

(QUATRO VARIANTES)

I

Esta lição, agora, é muito mal aceita:
Dum improviso, brota apenas um escorço...
Obra de nome, obra perfeita
Demanda longo tempo e fatigante esfôrço.

II

Trabalho breve e, para mais, mal feito
—Ou não dá nada, ou dá fugaz proveito...

III

Obra de grande vulto só avança
Com tempo, vocação—e confiança.

IV

Fingir trabalho, dá trapaça;
E quem porfia mata caça...

FIM

IN MEMORIAM

Em vão procuro agora
A sombra dum gracejo;
Sim — muitas vezes a minha alma chora
E não a vê ninguem se então versejo,
Mas hoje, que morreu Augusto Gil,
Se tentasse escrever uma ironia,
Creio que a pena trémula e febril
Ao sacrilégio atroz se negaria.
Ele era o meu poeta, e ele era o vosso,
Povo de Portugal!
Seu coração perenemente moço,
Tão claro, tão afavel, tão leal,
Era o vosso também, pois finge às vezes
Que o poder amoroso o não agita,
Mas quando uns olhos pretos, portugueses,
Uns olhos meigos de mulher bonita
O envolvem no calor da sua graça,
Estremece — e produz a redondilha,
Como esta maravilha
Onde ha toda a unção da nossa raça:

ROSAS DESTA MANHÃ

"Teus olhos, contas escuras,
São duas Aves-Marias
Dum rosário de amarguras
Que eu rezo todos os dias.„

Era o vosso, era o vosso coração,
A florescer em trovas delicadas,
Nas noites sensuais de São João,
No saudoso Choupal, nas orvalhadas,
Nas vielas funestas,
Em toda a parte onde se escute o canto
Duma mulher — ou em ruidosas festas,
Ou na miséria, a traduzir o pranto:

"Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz,
Muita gente, toda a gente
Teria pena de nós!„

Era o vosso... Procuro em minha estante
A sua «Avena rústica»; folheio
E dos versos que leio
É a mulher inspiração constante.
Lembra João de Deus. Aqui e além
Afasta-se o poeta dêsse tema,
Mas em breve ao poema
Teimosamente volta e se detem

IN MEMORIAM

Num perfil de mulher, na curvatura
Dum colo, nuns dedinhos côr de rosa,
Até numa cintura:

"Cinturinhas da Murtosa
Mede-as quem as abraçar.
...Abraça a gente uma grosa
— Sobeja muito lugar!„

Não; a «Fita» risonha do costume,
Quando morreu o meu poeta, quando
Me perturba o perfume
Dos seus versos, que digo soluçando,
Não a faço, repito — e, se a fizesse
Nesta hora de luto e de agonia,
Cada palavra alegre que escrevesse
Uma lagrima ardente a apagaria

ACACIO PAIVA.

D'*A fita da semana.*

Nas puras manifestações do espírito — como a poesia — a mediocridade é verdadeiramente insuportável e há mesmo uma grande distância entre uma obra perfeita e uma obra prima, só estas conseguindo elevar-nos o espírito, inspirando-nos ao mesmo tempo nobres e grandes sentimentos. Pois bem: eu creio poder afirmar que em todos os livros de Augusto Gil — não há um verso mediocre, como não há sequer um verso inferior. Num país de poetas, o autor da «Alba Plena» conseguiu marcar a sua incompreendível figura de artista, dum lirismo expontâneo, de imagens novas, e, sobretudo, impregnado dêsse idealismo, sem o qual não ha verdadeira poesia. Se é certo que uma obra literaria só pode perdurar, quando nela o autor tenha deixado uma parte da sua alma e quando essa alma mereça ser recordada pela memória dos homens, bem podera concluir-se que os versos de Augusto Gil jamais deixarão de ser lidos e cantados. A sua alma

era modesta — e a modestia, afirmou-o um grande espírito, está para o talento, como as sombras para as figuras dum quadro, dando-lhe força e relêvo. Fugindo à regra de que o homem começa pelo amor e acaba pela ambição, a sua alma era desinteressada — toda a sua obra é um canto enternecido de Amor. A sua alma era simples — pois só com simplicidade podem ser traduzidos os grandes sentimentos. A sua alma era boa e por isso, da maior parte dos seus versos, duma harmoniosa expressão, irradia uma espécie de eflúvio universal, onde o pensador, adivinhando a sensibilidade das almas atravez da influência generosa e inspiradora dum coração feminino, se transformou em poeta da bondade e do sofrimento.

AFONSO GOUVEIA.

Tive o prazer de com ele privar de perto, como seu insignificante colaborador na redacção do jornal «A Actualidade» que fundou em 1911, e dêsse tempo conservo as mais gratas recordações, porque me foi dado reconhecer que o seu priviligiado talento andava aliado a um formosíssimo coração, cheio de nobres sentimentos e de uma grande afectividade, revelada a cada passo nos mais pequenos nadas, e, principalmente, no acrisolado amor, que consagrava à sua santa Mãe, como ele lhe chamava, e que depois votou com afervorada e enternecida paixão à sua adorada Esposa.

E creio mesmo que foi esta muito apurada sensibilidade afetiva da sua bela alma que inspirou os seus melhores pensamentos e os seus mais lindos versos, visto não ser difícil provar que a grandeza intelectual presupõe ou condiciona quási sempre uma grande riqueza de sensibilidade.

A verdade é que já Joana d'Arc nas suas ora-

ções só pedia a Deus «um grande coração», certa de que só assim podia ter os mais nobres pensamentos.

É que o homem, por via de regra, só se impõe pelo espírito depois de se ter afirmado pelo coração.

AMÂNDIO PAUL.

Augusto Gil foi um grande poeta e, para o ser, não precisou de escrever coisas mirabolantes. A característica da sua arte é a ternura e a simplicidade. O seu lirismo é, além disso, repassado dum profundo sentimento. Não se pode ser nem mais humano nem mais perfeito do que nos versos que nos deixa e que nos evocarão sempre a sua alma candida.

Conhecemo-lo, durante alguns anos, um pouco na intimidade, tendo abancado com ele uma temporada na redacção de um jornal de combate, ainda no tempo da monarquia. A nossa admiração pelo poeta foi reforçada pela amizade pelo companheiro, que se nos mostrou sempre duma grande bondade. Sendo um nome glorioso nas letras era modestíssimo nas suas maneiras e na atitude que manteve sempre na vida.

Era proverbial o seu amor às crianças. E algumas sabiam-no bem. A um pequerrucho a quem ele dava sempre alguma coisa na ocasião em que re-

colhia a casa, viu-se um dia forçado a não entregar a moeda de cobre do costume:

— Hoje não pode ser, não trago dinheiro.

Sucedeu isto três vezes. A espórtula, avultada para êsse tempo, era um vintém. Ao quarto dia, radiante, Augusto Gil dirigiu-se ao pequeno. E êste, perfilando-se e estendendo a mão:

— Já me deve quatro vintens.

Augusto Gil com um tostão pagou a dívida e os juros. E contava-nos depois isto, cheio de satisfação pelo ar de convicto credor do seu protegido.

Uma vez tomámos parte com ele num banquete. Rodeavam a mesa várias pessoas notáveis e a festa realizou-se num dos nossos primeiros teatros. Augusto Gil alheou-se de tudo, dos convivas, dos discursos, para observar, cheio de enternecimento, um certo camarote. Chamou também a nossa atenção e mostrou-nos, debruçado no camarote, um pequenito radiante pelo bulício da sala, muito risonho e encantador na sua fulva cabeleira de cherubim.

Êste enternecimento pelas crianças mostrou ele numa parte da sua obra. Não só lhes dedicou um livro, *Gente de palmo e meio,* como muitas poesias. Quem não conhece a poesia do Santo António, em

que o menino Jesus é tratado tão carinhosamente, e essa outra poesia sôbre o menino Jesus de Evora. E é isto tão natural que, apesar de Augusto Gil nunca ter deixado de ser religioso, o que transparece nessas poesias não é o culto pela divindade, mas o seu enternecimento pela criança.

A sua ternura abrangia também os desgraçados e os humildes. A canção das mulheres perdidas é, no lirismo português, uma das mais belas manifestações de piedade pela dor humana. Melhor e mais natural do que Victor Hugo no seu

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !

ele terá, como Victor Hugo, em muito coração de mulher infeliz uma enternecida homenagem, que para ele deveria valer mais do que a consagração das academias, a que nunca aspirou.

CAMPOS LIMA.

Altíssimo poeta, alma d'eleito,
Se para ao pé de Deus ela voou,
Eu sinto a soluçar dentro do peito,
O coração com que êle nos amou.

Todos unidos, num abraço estreito,
Na vida, que o seu génio iluminou,
Êle, em busca dum mundo mais perfeito,
Tornou mais belo aquele que deixou.

Como as suas irmãs estrêlas, brilha,
Com um fulgor que elas jamais terão,
Num outro céu, também de maravilha.

E, porque o coração é a criatura,
Nunca morrem os mortos quando são
Da grandeza sem par desta figura.

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA.

Durante dez anos, pouco menos, que com raras excepções encontrava Augusto Gil na Guarda, durante as nossas férias veraniças. Ia todos os dias, pontualmente, ao seu encontro, e, apesar de, por imposição dos cargos oficiais que então exerciamos, estarmos em quási permanente contacto em Lisboa, o que é certo é que, libertos da engrenagem burocrática, aqueles dois meses anuais no agazalho da Beira acolhedora, valiam como delicioso pretexto para a troca das mais dispersivas impressões.

O poeta era conversador admirável, espírito gentilíssimo de artista para quem a comédia da vida oferecia inexgotável manancial de tipos e anedotas, de evocações e comentários, de onde se extraía tantas vezes êsse resaibo de ironia que foi um dos aspectos realçantes do seu lirismo.

Foi na Guarda que êle me leu o manuscrito da *Avena Rústica,* como era ali que, após o longo período de trabalho na sua Direcção Geral de Belas

Artes, descansava; ali, naquele meio familiar de tão gratas sugestões para o seu coração melindrosíssimo.

*

Nós reúniamo-nos todas as tardes, e, deante de duas chicaras de café e de uma caixa com cigarros, a fantazia do poeta abria as azas, erguia o vôo alto, pairante e circundante, e por aquelas tranqüilas horas provincianas era prazer espiritual ouvi-lo na improvisação fácil do seu estro e da sua fé insatisfeita, dizendo os projectos de trabalho próximo (lembro-me de me falar num poema sôbre S. Francisco de Assis) mas projectos com tal minúcia esboçados, tão perfeitamente delineados que, muitas vezes, os julguei já em decidida marcha para a realização imediata.

Assim era no preciso momento em que os revelava, mas regressado à sua casa de Lisboa e reintegrado nos árduos afazeres oficiais, ao apontar das primeiras brumas do inverno, o debilitado organismo — que só o milagre de amor mantinha estável — sofria de inevitáveis crises de fadiga que lhe

restringiam a actividade, e lhe corroíam a alegria de agir e de viver. Não se iludia o poeta. A sua antiga resistência sofria intercalados rebates graves. Em Janeiro de 28 escrevia-me:

«A morte anda a rondar em volta de nós, moços daquele tempo (referia-se a um amigo querido recentemente falecido) que são os velhos de agora».

Êstes presentimentos repetiam-se, a-pesar-de nas horas claras, desopressivas, o seu alto e lúcido espírito reagir, dando à arte, então, a scintilação da esperança.

*

A sua última carta, escrita dias antes de morrer, é ainda a expressão da sua inteligência vivíssima, da modestia do seu carácter, do seu delicado escrúpulo de escritor. Falava-me do novo livro, e, num desconfiado sobressalto, diz:

«Tenciono atirar às turbas desatentas com um livro de versos, a mais. É constituido por versões, interpretações e perifrases de epigramas gregos. Alguns dêles têm a venerável edade de dois mil e oitocentos anos. Os mais modernos são do século II

da era de Cristo. Penso em pôr-lhes êste título genérico: *Rosas desta manhã.* Incoerência? Anacronismo? Pois sim, mas aquilo é tão frêsco, tão orvalhado, tão fragrante que bem pode chamar-se-lhe dêste modo. Oxalá que as minhas desastradas manápulas não estraguem o ramalhete».

No trecho transcrito está evidente o seu constante receio—inquieto de perfeição, que o dominou sempre.

*

Recordo também certas horas em que falavamos da paisagem beiroa, violenta e áspera, e dos arredores desta cidade, terra adoptiva do poeta, e de êle me dizer o seu encantamento pelo ignorado Vale do Mondego, ao poente da Guarda, como sendo «um parentesis de lirismo idílico, uma página de alegria: um pomar virgiliano, alacre e fértil, ladeado por altas serras de cimos violáceos e nítidos perfis».

Recordo-o e, por acaso, encontro numa velha fôlha de ilustração (*Serões*—Dezembro de 1907) a mesma impressão, mais minuciosa e sugestiva:

«Porque sou um sertanejo, a região portuguesa que prefiro é a parte central da Beira: com as suas montanhas desnudadas ao alto e ensombradas nas encostas por castanheiros solenes, pinheirais trágicos, olivedos melancólicos; com seus povoados sonolentos e aconchegados nas eminências, em tôrno de castelos em ruínas, ou na curva dos vales que um retalho do céu cobre; com as suas temperaturas extremas, de calores abrazantes no estio e ventos fortes, frios intensos, sudários de neve, no inverno».

E revertendo ao seu Vale do Mondego, dizia ainda:

—«A fita clara do rio desdobra-se lenta, entre salgueiros pendentes que lembram Musset e choupos leves que dão saudades de António Nobre. Esparsas aldeolas laboriosas e minúsculas, de casas feitas com granito escurecido e duro, e de gente de gleba que amanha a terra à burguezia citadina, cuidando-lhe das flôres na quinta, das couves na horta, dos frutas na veiga. E numa curva luminosa e ampla, por sôbre as altitudes das montanhas, o azul ferrete do céu, azul brunido de esmalte, onde os mochos reais e as águias passam num vôo dominador e plácido».

Passei três melancólicos anos peregrinando por

longes terras, e voltando agora à Guarda e percorrendo os logares predilectos das minhas velhas afeições, lá estava na sala em que outrora, entre duas chícaras de café e uma caixa com cigarros, o poeta enchia as tardes mornas do estío com a vivacidade da sua aguda observação e com os fulgores irradiantes da sua «musa cérula».

Tudo disposto como dantes: a mesma meza antiga, os mesmos retratos pelas paredes, as mesmas cortinas velando da luz descreta os vãos das janelas, a mesma atmosfera, dorida agora, de recolhimento. Só o poeta era ausente—para sempre.

Resa a minha saùdade.

Guarda, Dezembro 1929.

FRANCISCO SANTOS TAVARES.

Sem aparentes razões sucede muitas vezes que a tristeza nos perscruta e vigia com o seu olhar implacável e acaba por nos arrancar alguns restos de dourado apêgo à vida, obrigando-nos, como o poeta supremo da *Divina Comédia* e da *Vita Nuova,* a perder tôda a esperança. Tudo quanto nos cerca é desolado e sombrio, o convívio dos homens desinteressa-nos, os melhores dos seus actos assumem aspectos agressivos e um desejo imenso de fugir como que nos arrasta pelos cabelos para o mais longínquo isolamento. É neste estado de espírito, nesta ância de renúncia a tudo o que sempre me interessou e agora tantas vezes me repugna, que a morte de Augusto Gil vem surpreender-me como uma punhalada em pleno coração. De quanto o estimei, de quanto lhe quís, êle o soube nas horas sempre fugidias que intervalaram muitos dos deveres a que a imperiosa e impiedosa tarefa de bem-cumprir a ambos obrigava. Êle foi não sòmente o

mais gentil, o mais encantador dos Poetas, mas também o mais nobre e o mais impecável dos homens, encarando tudo e vendo tudo através da mais imaculada candura e da mais comovida bondade.

As gerações que surgem e são chamadas a êste rotativismo fatal que é o da vida e o da morte, encaram sempre aqueles que estão perto do ocaso como criaturas que falharam na Existência e mal souberam preencher o seu lugar, enquanto os que já têm os seus dias contados se vão despedindo sem esperança em melhores homens. Uns e outros são talvez injustos, uns pela petulância que dá sempre a perspectiva dos caminhos a percorrer, outros pelo descoroçoamento das ilusões que falharam. Digam-nos, entretanto, se cotejando entre os que chegam e os que partem nos ficam motivos bastantes, nos dias anciosos que estamos contando, para pensarmos que partimos deixando bem preenchido o lugar que vagou. Augusto Gil é um poeta que ficará por muito tempo sem igual. Não deixou uma obra vasta e universal, mas deixou marcado o esplendor duma alma eleita e portuguesa, refulgindo em versos que serão lidos emquanto em Portugal houver mulheres e crianças. Porque as próprias mu-

lheres que algumas vezes alfinetou blagueando como nos remoques dum *flirt,* terão sempre à cabeceira do seu leito ou nas pequeninas estantes do seu *boudoir* aqueles volumes de páginas só feitas de sensibilidade, de ternura e de sorrisos. de amorinos de ouro.

Nunca saberei dizer da amargura com que o vejo partir, porque cheguei a uma altura da vida em que como no *Inferno* do divino Dante as lágrimas nos gelam nos olhos para cairem geladas no coração. ¡Digo-lhe o adeus de tôda a minha Dor, que é a Dor de quem vê que tudo foge e se dispersa como folhagens de outono e fica, assim, cada vez mais triste e cada vez mais só!

GUEDES DE OLIVEIRA.

¡Como devem gelar nos seus túmulos os mortos ilustres da nossa terra! ¡Como se extingue depressa o lume da simpatia e admiração que o seu desaparecimento acende, e como se cala rápido o murmúrio de ternura e saudade que à volta das suas memórias se levanta! Augusto Gil enterrou-se há três semanas, e parece que já o esquecemos. Em que país civilizado se não estudaria e louvaria durante semanas e semanas a obra dum poeta como êle, e se não procuraria manter vivo e forte o sentimento de entusiasmo que essa obra justificadamente merece? Tanto mais que, numa hora em que todos reclamam a exaltação do amor patriótico, nenhum lirismo iguala o de Augusto Gil para melhor entender e prescrutar o íntimo segrêdo da alma portuguesa...

Certo, nós bem sabemos que a sua poesia é imortal, grande na cristalinidade da expressão, profunda na suavidade do estilo. Certo, ninguém, que

o leia, deixa de ter a certeza de que o seu nome perdurará eternamente na história da poesia lusitana, ao lado dos nomes mais queridos e mais celebrados, mais dignos de não se apagarem na memória das gerações.

O lirismo brotava nêle como fonte límpida—e, sendo Augusto Gil um espírito requintado e subtil, os seus poemas, à primeira vista, não deixavam senão transparecer a candura inefável da sua inspiração, e nunca as mil e uma complicadas essências de intelectualismo agudo, que a ela se enlaçavam e misturavam a cada passo. É que a sua arte era irmã do seu génio. Quero dizer:—tão perfeita e exigente como êle.

A êste poeta da limpidez, às suas criações de encanto imortal, pode bem aplicar-se a imagem que da simplicidade deu Eça de Queirós:—uma linha recta como a linha do horizonte, formada, todavia, de tantas e tantas linhas divergentes...

Augusto Gil encontrara assim, também, a expressão clara e singela para as emoções mais complexas, a frase, o verso logo imediatamente compreensível e acessível à nossa sensibilidade e ao nosso ouvido.

Mas enganam-se aqueles que, levados pelo sabor popular, pelo aspecto fácil dalgumas das suas quadras, julgam o seu lirismo um lirismo de improvizador.

Augusto Gil era um artista de voluntária e consciente concisão. E, quanto mais se leem os seus poemas, mais e melhor se descobrem, suspensos naquela atmosfera diafana como um ambiente helénico, que é a sua atmosfera, astros de estranha claridade, sois de inédito fulgor... O autor da *Sombra de Fumo* conhecia o sabor de tôdas as chamas da vida, e provara o travo de tôdas as cinzas do sonho... Por isso os transpunha em forte e sã beleza, em frutos de perfeição, brilhando na graça irradiante da sua poesia, sem mácula, dos seus ritmos puríssimos, onde corre sempre uma ondulação musical.

Há poemas de Augusto Gil que são como gemas preciosas. Sob o esplendor geométrico da forma, sob as arestas quási rígidas, ouve-se o marulhar da mágua ou da alegria, da paixão ou da ternura, presos na gota irizada, e trazendo-lhe um frémito constante de vasta e vibrante humanidade.

Para aqueles que choram ainda a morte do

poeta incomparável—e todos, em Portugal, a devíamos chorar—uma consolação única, mas imensa, lhes resta. É que já conhecem o juízo da posteridade. Os versos de Augusto Gil nunca serão esquecidos. Nasceram com a perene fragrância, com a juventude inexaurível dos trechos de antologia. Emquanto se falar a língua portuguesa, êles serão rezados e repetidos com a devoção comovida de quem ìntimamente escuta a voz dum intérprete supremo das mais nobres e castas aspirações do homem...

João de Barros.

NA MORTE DE AUGUSTO GIL

Pedro, chaveiro do Ceu
recebeu ordens directas,
de engalanar em trofeu,
e ter as portas abertas.

Viu depois chegar Maria,
e já zangado protesta;
São Pedro não percebia
para que tamanha festa...

Toda cheia de candura,
sorriu-lhe a Virgem pura,
em graças de eterno Abril.

Nisto, ao som de humilde avena
e sobraçando a «Alba Plena»,
chega ao Ceu Augusto Gil.

JOÃO PAULO FREIRE

Duas palavras, apenas. A solenidade das orações funebres repugnaria decerto, se ele pudesse ouvir-nos, à sensibilidade e à elegância dêsse gentilíssimo espírito.

Em Augusto Gil, a Academia das Sciências, em cujo nome tenho a honra de falar, perdeu um dos seus mais ilustres sócios correspondentes: a literatura portuguesa, um dos maiores líricos contemporâneos; o Estado, um servidor leal; — e eu perdi um amigo. Não venho, entretanto, trazer-lhe as dolorosas expressões que são habituais nestes momentos. Para os grandes poetas, como Augusto Gil, a morte não é apenas a pedra de um túmulo que se fecha; é a porta refulgente da imortalidade, que se abre de par em par.

Não é a treva, é um clarão.

Não é o luto; é a apoteose.

Eu queria que no funeral de Augusto Gil se incorporassem, não apenas os amigos chorando

a sua perda; mas as crianças, cantando os seus versos.

O poeta da «Alba Plena» morreu.

Mas só os homens vulgares morrem inteiramente.

O que havia de mais puro, de mais belo e de mais nobre neste filho espiritual de João de Deus, ficará para sempre connosco, para além da morte, e não se apagará mais porque é, na sua essência, imortal.

Desejaria poder despedir-me de Augusto Gil com tanta ternura e com tanta simplicidade como ele, ainda ontem, no seu leito de agonia, pela janela aberta, se despediu das estrelas.

Mas para quê, êsse adeus, se vou encontrá-lo daqui a pouco, nas páginas dos seus livros? Para quê, se, ao lêr os versos admiráveis do «Luar de Janeiro», eu terei a ilusão de que a sua alma, perpètuamente em flôr, vive e palpita junto de nós?

Um dia pediram a certo poeta grêgo um epitáfio para outro grande poeta que, com o seu génio, encheu de esplendor a velha Grécia.

E ele escreveu apenas: «Se um dia os Amo-

res pudessem descer á terra, viriam, numa chuva de rosas, poisar sôbre o seu túmulo».

São estas mesmas palavras que eu deixo agora, como flores, sôbre os restos gloriosos de Augusto Gil, em cujo coração cantaram alegremente, em vida uma cigarra e um rouxinol.

JÚLIO DANTAS.

(Palavras proferidas junto do ataude do Poeta).

O que caracteriza a poesia de Augusto Gil é um inconfundível cunho de sinceridade, porque êle era incapaz de prostituir o estro em artifícios e brilhos falsos de pechisbeque, ou de hipotecar a lira a conveniências sectárias com rèclames de fanqueiro.

Como artista foi um cultor helénico da Forma e da Beleza pura; como poeta — como todos os grandes — um amoroso dos têmas simples, naturais e humanos; como homem, a personificação da Modéstia, o paradigma da Bondade humilde e cristã.

— ¿Que fiz eu? dizia-me êle dois dias antes de morrer. ¿Que fiz eu neste mundo, e que deixo nêle digno da vida que Deus me outorgou e que estraguei? Nada! ¡Nem um filho, sequer!...

Tôda a sua melhor obra poética é posterior à cruel enfermidade crónica, incurável, que lhe atormentou grande parte da existência. A sua inferioridade física levava-o a admirar com enlêvo, quási a

invejar, aqueles em quem se revelava em tôda a sua pujança o pleno exercício duma vida animal.

Uma vez em que viajavamos juntos assistimos ao render da guarda na parada dum quartel. Um corneteiro fizera dum fôlego, com uma limpidez de som vibrante e inexcedivel, um dos estirados toques da ordem.

Augusto Gil parou ofegante, encostado ao meu braço, numa das vulgares crises da sua dispneia de enfisematoso.

—¡Trocava sem hesitar, declarou-me, tôda a minha obra de poeta lírico só por um dos bofes daquele esplêndido bruto!

¿Até que ponto a doença influiu na natureza ou qualidade das suas produções?

¿Sem a constância dos sofrimentos corporais, que nos espíritos verdadeiramente superiores actuam como um crisol de aperfeiçoamento psíquico, Augusto Gil teria produzido as maravilhas que produziu?

Quero crer que não.

*

Quando, a pouca distância da morte, pediu aos que lhe rodeavamos o leito de dor que lhe abrissemos a janela do quarto porque queria ver pela última vez as estrêlas, nós compreendemos que através dessa luz sideral êle procurava o sorriso de Deus—¡extrema consolação dos enfermos desiludidos!

Beijou a sua mulher, descaindo-lhe a cabeça no regaço dilecto, e finou-se.

«O coração parou. Rendeu a alma...».

¡Aquela grande alma e aquele coração columbino cuja última pancada, entre os soluços das pessoas presentes, eu ainda consegui ouvir!...

LADISLAU PATRÍCIO.

Quem escreve estas linhas, tendo amiude de as interromper para limpar as lágrimas que lhe assomam aos olhos, conheceu Augusto Gil há perto de quarenta anos. Era ainda ele muito novo, tendo terminado na Guarda o curso dos liceus. Haviam-no alistado no exército e apareceu-nos em Elvas recruta bisonho, mal identificado com o meio para que fôra deslocado, com uma pronúncia beiroa muito acentuada. Fôra para casa de seu irmão, bastante mais velho do que ele, o que veio a ser o general José Cesar Ferreira Gil, a quem nos uniu, pela vida fora, a mais fiel amizade fraterna, religiosamente correspondida de parte a parte.

Um dia achava-se ele no nosso escritório e começou a olhar fixamente para as estantes, como se delas não pudesse desviar a vista. Por fim, disse-nos, em palavras quási sumidas, como se as pronunciasse só para si:

—Têm aqui tantos livros bons! Se me deixasse ler alguns...

—Escolhe os que quiseres e leva-os,—respondemos-lhe com tom autoritário, como um tenente se poderia dirigir a um galucho.

Não esperou mais. Foi às estantes e escolheu vários livros de Balzac, de Daudet, dos Goncourts, de Maupassant, de Droz, de Zola, dos escritores então mais em voga na literatura francesa, formando um largo braçado e saindo com ele muito ufano da preciosidade que lhe confiaramos.

Durante dias não o tornámos a ver. Encastelara-se no seu quarto e passava o tempo a devorar aqueles milhares de páginas. Quando nos encontrámos de novo fizemos-lhe algumas preguntas sôbre os livros que lera e impressionou-nos muito a elevação da sua crítica, a segurança e precisão com que apreciava e distinguia os méritos dos escritores que então começara a conhecer e a admirar.

Pouco tempo depois, em 1894, publicava a «Musa Cérula», coligindo os versos que compusera nos três anos anteriores, livro que tinha a seguinte dedicatória: «Honorate l'Altíssimo Poeta — A João de Deus». Não nos recorda de estreia literária mais

entusiàsticamente acolhida pelos louvores da crítica e pela admiração do público. Aparecia, finalmente, alguém para empunhar a lira quási deposta do genial cantor das «Flores do Campo». A mesma sublimidade lírica, análoga pureza e elevação de pensamentos, semelhante simplicidade de forma e igual seguimento das ideias de amor e encantamento mais lindamente expressos por uma ironia muito delicada e doce. Ficámos assombrados. Êsse poeta era o rapaz acanhado e tímido com quem trataramos anos antes e que conquistara a nossa estima precisamente pela modestia com que se apresentara.

Quem operara tão grande transformação fôra essa maravilhosa Coimbra, a Coimbra das guitarradas, das serenatas, das noites esplendorosas de luar, dos amores fáceis e ligeiros, para onde partira e acamaradara com uma «troupe» cheia de mocidade, de alegria e de talento, em que brilhavam, além de Augusto Gil, Alexandre Braga, Fausto Guedes Teixeira, Francisco Patrício, Augusto Soares, Afonso Lopes Vieira, D. Tomás de Noronha, o Hilário, o Príncipe do Fado e de que veio a ser o último continuador êsse malogrado «gavroche» de génio que ficou com a alcunha de Pad-Zé.

O seu nome literário firmou-se pelo consenso geral. Duma rara independência de espírito e da mais austera probidade intelectual, nunca soube o que era pedir ou provocar um elogio, e, apesar disso, tão deslumbrante era o seu talento que de todos os lados lhe surgiram os louvores e testemunhos de admiração.

Seguiram-se depois os «Versos». Dêste volume foi o povo principalmente que se apoderou com ansiedade, decorando-lhes as quadras com a maior ternura, porque nenhumas outras se haviam escrito em língua portuguesa que com tanta pureza e propriedade exprimissem os seus sentimentos mais carinhosos e afectivos. A individualidade poética de Augusto Gil contornou-se então em traços firmes e indeléveis, marcando-lhe um lugar à parte, não só na nossa literatura, mas até mesmo na literatura universal.

Vieram sucessivamente, numa ascensão gloriosa: «O Luar de Janeiro», dum lirismo que jámais foi excedido, o «Canto da Cigarra», «Alba Plena (Vida de Nossa Senhora)», «O Craveiro da janela», «Sombra de Fumo» e «Avena Rústica»; e em prosa êsse delicioso volume «Gente de Palmo e Meio», adorável

trabalho em que os sentimentos ternissimos de Augusto Gil e o seu amor às crianças se afirmam iluminados a uma luz encantadora. Toda esta bibliografia, em que não há um deslise ou um ponto de inflexão, em que o astro do poeta se afirma cada dia mais completo e inspirado, foi devida quási exclusivamente aos incitamentos, às exortações e aos pedidos da sua amorável esposa, a mais fervorosa admiradora do poeta, porque Augusto Gil foi sempre, até ao fim, o único a duvidar do seu luminosissimo e esplendoroso talento e o único que, ao reler o trabalho que completara, o julgava sinceramente imperfeito e destituido de qualquer beleza.

LOURENÇO CAYOLA.

A poesia de Augusto Gil é uma poesia essencialmente lírica. Bem quís o poeta, em determinados momentos, imprimir-lhe uma modalidade satírica. O que nêle pode querer atribuir-se foros de sátira recorta-se em moldes tão levemente irónicos, tanto carece de agudas arestas, que se diria um grão amargo quási imperceptível, perdido no meio de doçarias freiráticas. O ritmo é sempre brando e suave; algum tom mais áspero não chega a adquirir sonoridades que em tal brandura vinguem representar nìtidamente uma dissonância. Como estamos longe do Mestre, êsse Juvenal duro como um rochedo de cujos flancos brotassem torrencialmente a indignação e o sarcasmo. A sátira é uma ferocidade; o nosso Juvenal não tinha o rugido dos leões, nem sabia articular os acordes das tempestades; o seu canto foi o da cigarra tímida e discreta.

Não há maneira dos grandes líricos da nossa terra saberem desentranhar-se em expressões vin-

gadoras, como as do vate latino. João de Deus foi pura e simplesmente lírico. António Nobre igualmente. De Augusto Gil a posteridade dirá, apreciando o *Luar de Janeiro,* a *Alba Plena,* a *Sombra de Fumo,* que êle foi, seguindo a esteira dêstes enternecidos poetas, um génio supremamente lírico. Nisto não fez mais do que traduzir, em raptos do seu próprio talento, os impulsos do seu coração mavioso.

A alma tão doce, tão lírica, da nossa gente, do nosso povo, assim o compreendeu e sentiu. Os versos que sobretudo o apaixonaram foram os do passeio de Santo António, da balada da neve, do presépio campestre do divino infante recem-nascido. Um sorriso que cria universos de amor no momento em que perpassa, o som dum beijo que se dilui nas tintas violetas do poente, uma pégada hesitante que marca um traço de humanidade numa superficie cristalina prestes a desfazer-se, cordeirinhos que se aninham nas palhas dum estábulo onde vai irradiar uma infinita aurora. É nestas evocações doces que nós encontramos o Augusto Gil do nosso tempo, da nossa distante e inquieta juventude, dos nossos perenes anceios de beleza e de

bondade. Assim o vimos, assim o lemos, assim o conhecemos: envólucro frágil e sofredor duma alma musical, constantemente embevecida na admiração e no amor das cousas puras e simples, em que se concentram, como no calix duma flor, os perfumes mais inebriantes que podem tentar a imaginação dos poetas,—grandes amores da Natureza e da Vida!

MAYER GARÇÃO.

(Do *Portucale,* n.º 8—Março-Abril de 1929).

O que havia em Augusto Gil de notável, e direi de singular, era a ligação de um sentido eleito do génio nacional, interpretado através a alma do povo—e o culto extreme da beleza de todas as formas. Era a melodia feita harmonia.

E coisa extraordinária: era por isso que o povo lhe queria bem, e era por isso que as *élites* intelectuais o estimavam.

Por isso, quando se diz nos panegíricos e nos elogios postumos que o Poeta era, sobretudo, uma expressão da poesia nacional — diz-se uma grande verdade, que sobrenada, impoluta, dos eutusiasmos que a morte causa nos corações dos que escrevem.

Gil era maior que os outros apenas por isso, e êste *apenas* não é pejorativo.

Porque tendo sido um apaixonado da beleza na forma, de harmonia arquitectural do verso, da opulência orquestral da rima, possuindo até o segrêdo da construção que derruba a monotonia

para o campo esteril da mecânica perfeita—soube não saír do povo, que é a raiz de tôdas as *élites*.

Eu sou dos raros que pensam que a obra de Augusto Gil não é regular. E até nisto há beleza, coroando a inspiração.

Não é regular como um alto espírito o não pode ser, e a-pesar disso, Gil—gracioso ritmico de nome!—era saudável de inteligência, forte de cultura, leal de processos, deleitoso no dizer.

Nem planície nem montanha.

Quando o Poeta, pretendendo defender-se de um ataque que ninguém lhe fez, esclarecia que o *Canto da Cigarra* e o *Luar de Janeiro* não se entrechocavam nem se contradiziam, obedeceu a um honesto rebate de consciência «critica». Simplesmente critica. E a critica é uma febre, talvês necessária, que como tôdas as febres, exalta e alimenta.

Mas, no dizer lapidar de Júlio Dantas, «a cigarra e o rouxinol» não se negavam. Completavam-se. O culto da forma bebeu-o nos vasos sagrados da leitura grega, na contemplação das paisagens do espirito lirico de tôdas as gerações de Eleitos. Mas a inspiração é como o falador: não se contém no Falerno doirado. Está dentro do Homem,

que a absorve e requinta no meio ambiente em que desabrocha a sua sensibilidade. Ai do homem que a não tenha, e seja frio como o calhau, que só tem alma porque nós literàriamente o dizemos, e é mentira.

E essa inspiração recolheu-a o grande Poeta no seu ouvido predestinado e na sua visão altaneira de águia beirã, na alma rude e delicada do povo, que são o fundamento de uma História, de uma Literatura, até de uma Filosofia universalista, feita de bocados de tôdas as raças.

Augusto Gil—numa época de Humanidade em que já não é possível, senão por aberração, ser super-homem ou génio semi-deus—não foi o maior do seu tempo, só porque «o maior» é expressão que se não pode aplicar a «um só». Mas foi «maior» entre os maiores, porque a sua Poesia comparticipava da aristocracia da beleza—que tem de ser morgadio de raros apenas—, e da pujança criadora, exuberante, enternecida e mordaz do povo, rio caudaloso de energias sem o qual em varzea alguma pode despontar um malmequer branquinho...

NORBERTO DE ARAUJO.

Vivi com Augusto Gil, dia a dia, os dois mais frios, límpidos e desolados anos da sua vida.

«Luar de Janeiro» que dêsse tempo saiu, não é apenas o título de um livro, mas o clarão literário, a fotografia verbal do momento em que a obra foi concebida e realizada.

O convívio com Augusto Gil seduzia-me, porque nunca em nenhum irmão de letras conheci o talento, a humildade e a sinceridade literária a viverem em mais clara vizinhança.

Uma noite levei-lhe, para ler, umas páginas minhas, ainda húmidas de tinta.

¡Logo às primeiras linhas, a cara dura e feia de sincera tristeza que o Gil me mostrou!

E a meio da leitura interrompeu-me, bruscamente, indignado:

—Basta! Basta! Não quero ouvir mais! O que você escreveu não se pode ouvir... Tudo isso está descuidado... É preciso o sacrifício... a dor...

queimar os miolos. Você entende?... Você quere ser escritor?... Pois sofra... sofra...

¡Estas palavras doeram-me como vergastas!

Infantilmente, queixei-me de êle ter ouvido ler, há, dias, com mais indulgência, umas páginas de um rapaz de Lisboa que eu lhe apresentara, páginas que a minha vaidade julgava inferiores àquelas minhas páginas de principiante, e logo a sua voz adoçou, e num daqueles bater de cílios que, nos olhos de Gil, tinham ironias faiscantes de estrêlas, disse a sorrir-me, a acarinhar-me em segrêdo, deitando-me o seu braço no ombro:

—Você sabe: não se podem dizer a todos estas coisas duras. Quando não há esperança, deve haver caridade... e você precisava dêste castigo...

Ah! ainda hoje julgo êste castigo como uma das maiores honrarias da minha vida de escritor.

Era assim o camarada de letras, leal, rude, animador, sem lisonjas nem contemplações.

E para si exigia outro tanto.

Nada de louvores, nada de enganos.

Mais tarde, depois de o Gil me fazer ouvir páginas e páginas de versos seus perfeitíssimos, leu-me,

já no fim do serão, êstes dois primeiros versos, de uma quadra sua:

O proceder no amor
À pedra no ar se parece . . .

—Alto, Gil!. . .—gritei.—Êste segundo verso não parece seu?!. . .

¡E ai de mim se não fôsse franco!

O Gil conhecia-mo nos olhos, não mo perdoava. . .

—Não pude fazê-lo melhor. . .—explicou, humildemente, mostrando-me uma fôlha de papel azul, com imensas variantes da quadra.

¡Tinha traços desta humildade o gloriosíssimo poeta!

¡Para quem não conhece o campo da letra impressa, onde a sinceridade, a vergonha, o talento e a modestia são pérolas raras num areal revolto, estas recordações parecem duas banalíssimas anedotas de café literário, e, todavia elas marcam o sinal indelevel, o contraste indubitável dos puros e grandes génios!

Também outra gulodice de beleza incomparável me levava ainda a casa do Gil: ouvir-lhe o tim-

bre da voz e ver-lhe brilhar, nos olhos, a suavíssima doçura com que falava à mãe.

Tem muitos séculos e altíssimos poetas a literatura portuguesa, e podemos dizer que os versos do Gil, são dos mais puros, radiosos e eufónicos da língua, mas a eufonia colorida dos seus versos não excede o timbre encantador com que êle falava à dôce velhinha!

O Gil, como um homem que, para a sua mãe, ficara sempre menino, nunca se entendia com as criadas, nem agitava ou premia uma campainha, quando de alguma coisa precisava.

—Ó minha mãe!. . .—chamava sempre.

A mãe que trabalhava numa saleta, ao lado, acorria logo.

E a voz do poeta fazia-se, para ela, de uma suavidade tão menineira e perfumada, tão esparsa e penetrante, que, ao ouvi-la, todo eu vibrava, como se ela fôsse a música do génio que se faz menino . . .

¡E o carinho com que a mãe lhe aparecia!

Ela ficava sempre a uma pequena distância do filho, para o envolver todo e melhor nos seus olhos húmidos de ternura e orgulho.

«O meu Augusto»...— dizia ela sempre que falava do Gil.

E êste *Augusto* saía da sua boca com aquele sabor humilde e régio com que uma rainha exilada, empobrecida, fala do seu filhinho exilado e pobre também...

Era como se dissesse: «o meu filho, o meu rei, o meu senhor...»

Eu servia-me de todos os pretextos—¡mas com que cautela, não fôsse o poeta desconfiar!—para que o Gil muitas vezes chamasse a mãe e com ela conversasse um bocadinho.

—¿Ó minha mãe, se lhe não custasse muito podia dar ordem à criada para nos trazer chá? E voltando-se para mim:—¿Você toma chá?

—Não Gil, agora não tomo...—respondia eu, dessimulado.

Mas, daí a pouco, já a mãe tinha saído, ia o poeta a meio da chícara, e, para que ela voltasse, arrependia-me da recusa:

—Olhe, sempre tomo chá...

E logo o Gil, numa líquida voz de ouro e rosas, tornava:

—Ó minha mãe...

E, de novo, podia vê-los e ouvi-los...

Ah! os passos que eu fiz dar à santa e excelente senhora! Pobre e glorioso Gil!

Como um astro enamorado da terra que, em clarão brando se mudasse, para não ferir os nossos olhos, assim andou êle entre nós, pobre e humilde, repetindo-me, imensas vezes, os versos dolorosos de Gil Vicente, quando eu o engrandecia:

Eu sou um Gil sem ceitil
Que faz os aitos a El-Rei...

Esta queixa contra El-Rei bem a podemos julgar uma mágua contra nós, que o não merecíamos, talvez.

Ao inverso do biógrafo de Byron, eu posso dizer que o seu pé se gelou e ficou côxo quando tocou esta Guarda fria...

Êle teve o destino que Vigny assinou a todo o poeta de génio... «*Ceux qu'il plaint soufrent moins que lui. La societé le jette dans les abattements profonds, dans des noires indignations, dans les desolations insurmontables...*»

Viveu anos de destêrro e sofreu.

Quando chegou a hora do regresso, pediu que

lhe abrissem as janelas para descobrir, entre os astros, o seu antigo lugar, e assim poder endireitar, para lá, o vôo...

Agora que a morte o levantou acima do sol, podem as nossas penas erguer escadas com adjectivos diamantinos e as nossas bocas gritar louvores, que o não atingimos.

Tudo será bafo escuro, tudo nuvens, a embaciá-lo, a escondê-lo.

Da *mais alta terra portuguesa,* olhemo-lo em silêncio, pondo a mão acima dos nossos olhos frágeis, como se faz quando queremos fitar o sol...

No dia em que a Guarda erguer um trofeu ao poeta, deve, sôbre êle, ficar a figura da glória, de mãos nos olhos, a fitar um astro.

Não se compreende outra atitude da glória humana, se ela quiser olhar o autor do «Alba Plena».

E que não se estranhe esta nota cristã na minha homenagem ao poeta.

A última vez que com o Gil falei, acabava êle de fazer frente à morte, numa doença gravíssima.

—¿Nesse dia acreditou que o seu espírito morresse também?...—preguntei-lhe.

—Não, eu vi nìtidamente que Deus existia, que eu ia viver uma vida eterna.

E como eu quizesse penetrar mais os fundamentos da sua fé, o Gil fechou-se, silencioso, repetindo apenas:

—... Sim, Deus existe. Seria estúpido se o não acreditasse.

Já lá vão anos, e nunca mais vi nem falei ao poeta.

Mas hoje pregunto porque motivo, à hora de morrer, lhe não lembraram as flores, os versos, o mar, o campo, as mil belezas da terra, para apenas os seus olhos se erguerem até aos astros.

¿A viagem dos seus olhos às estrêlas não seria um vôo de ensaio, a experimentar a fôrça mística das suas azas, numa primeira *etape* do Paraiso?

Nossa Senhora, que êle cantou no «Alba Plena» certamente viu o seu vôo, e é lícito pensar que—Mãe Admirável!—corresse para êle, e, dando-lhe a Sua mão piedosa, o não deixasse a meio caminho.

NUNO DE MONTEMOR.

Tratávamo-nos por compadres.

Assim êle traçava as dedicatórias dos livros que me enviava e eu, ao topá-lo, era sempre de braços abertos que o acolhia, gritando como nos velhos tempos da nossa boémia:

— Adeus, compadre! Eh! compadre!

Êle, sorrindo, a abrir uma prega dolorosa que há alguns anos lhe chancelava os lábios, exclamava:

—Oh! meu rico compadre!—e no fim:—Adeus, compadre!

Levantei-me do leito para ir até êsse *fourgon* negro no qual vai viajar, pela última vez, o poeta sublime que amei como só se podem bem-querer os seres perfeitos que Deus produz.

Na madrugada em que morreu, acordei ou antes, ficando numa vaga sonolência, vi distintamente o seu rosto, as veiasinhas sinuosas das suas fontes, os cabelos finos e já encanecidos e, desde as quatro

às seis horas, levei, sem querer, a matraquear as nossas recordações. Ignorava que êle estivesse doente e só o soube quando, com insistência, narrei a alguém a obsessão que me assaltara nessa madrugada em que a chuva, pingando nas árvores do meu jardim, parecia chorar tanto o poeta como eu o pranteio.

Que de lembranças além, naquela estação, onde o levei, e em frente daquela máquina que o ia conduzir e que, quem sabe?! talvês fôsse uma das que puxavam, antigamente, os wagons onde nos metiamos alegremente para as nossas partidas felizes!

É que Augusto Gil, foi como o Pad'Zé—outro compadre das tertulias literárias e notivagas—com Amadeu de Freitas, Afonso Gaio, Araujo Pereira, Guedes Teixeira, o Xavierzinho, Fernando Maia, Artur Leitão, Alexandre Braga e o médico Almeida Reis um dos meus constantes amigos e companheiros da mais endiabrada vida que levavamos, nesse tempo, em Lisboa.

As manhãs encontravam-nos como a fiéis adoradores do seu dealbar e jàmais um comunismo tão estreito se estabeleceu entre rapazes, sobretudo en-

tre os do grupo mais reduzido de tôda esta traquina e doida boémia literária e pobre.

Compunham-no o Amadeu, o Pad'Zé, eu e o Gil. Eramos os mais retardatários, aqueles que entre as visitas às últimas locandas abertas falavamos do ideal como dum velho conhecimento que nos tivesse embalado os berços.

Roçavamos por um anarquismo suavíssimo, todo bondade, e cubiçavamos aos burgueses as filhas bonitas, mais do que o seu oiro, pois nesse tempo a libra ainda tilintava nos balcões, raramente em nossas mãos, é certo, mas ouvimo-la, tentadora e alegre, a arreliar-nos.

Odiavamos o capital mas também a dinamite e, se um dêsses tremendos e façanhosos argentatários — cujos nomes nos repugnavam — aparecesse no nosso caminho, em transes de ser socorrido, seriamos capazes de gastar com êle a nossa pecunia, sempre tão limitada, ou de empenharmos os sobretudos para o levarmos de tipoia.

De vez em quando, saíamos as portas da cidade em partidas de prazer, com os bagos sempre contados e recontados e, no regresso, posta no ostracismo à politica banal — nós pairavamos muito

alto—ouviamos o Gil a dizer-nos versos encantadores, torrenciar a sua admiração por João de Deus, a sua ternura por Bulhão Pato—que, como um bom avô, nos acolhia, às vezes, no Monte—sempre com uma anedota engatilhada e uma garrafa poeirenta na mão, cuidadoso e grave, a dizer-nos:

—Rapazes! Eu trago-a como se trouxesse o Viático!

Daquela estação do Rocio, onde agora o deixei, largavamos para as loucuras, e, no regresso, mal nos podiamos deixar, muito presos em amisades e em discussões intermináveis.

Pairavamos muito alto; iamos até aos céus, e, ante o meu Deismo—fui sempre um crente em Deus e um cristão, embora longe dos ritos católicos—êles clamavam como se eu tivesse renegado todos os principios.

Gritava-lhes a agonia de Cristo, os mandamentos, as obras de Misericórdia e, num tumulto imenso, proclamavam o filho de Deus como excelente republicano.

Foi após uma dessas discussões que Augusto Gil—êsse nobre, leal e querido compadre que lá seguiu no wagon fúnebre—me dedicou os seguin-

tes versos insertos no seu lindo livro *O Canto da Cigarra:*

Hoje tombou
À minha vista
Um homem todo em sangue, na calçada.

E então foi Deus quem guiou
A doida mão do fadista
Que deu aquela facada ? !

Pensava em tudo isto nessa *gare* onde tantas vezes passámos juntos de braço dado, êle, coxeando, arrimado ao meu braço, que preferia, ou talvez porque eu era o mais pressuroso a oferecer-lho, eu, radiante, numa alegria moça, sã e viva que a política maldita havia, por vezes, de azedar.

Quantas vezes, eu e Gil, falámos dessa época em que sonhavamos só idealismos?!

Na noite da chegada de João Franco àquela mesma estação, no torvelhinho da desordem, nós, em campos opostos, mas guardando uma grande e inalterável amisade, tomámos os braços, como nos tempos antigos, e largando da *gare,* onde se uivavam cóleras, fomos atravessar o Rossio.

Não discutiamos, procuravamos abrigar-nos, já sob o tiroteio da polícia, e o poeta, que morava

na travessa das Mercês, na «Ilha dos Kágados», queria que subíssemos o elevador da Glória.

Um tenente da Guarda Municipal, de pistola em punho, alvejou-nos.

— Para trás! Para trás! E êle coxeando a tropeçar, seguro ao meu braço, dizia, referindo-se ao oficial:—Eu conheço-o... Ora o maldito!

Dificilmente nos recolhemos no «Vigia» e diante das enguias e do Cadaval tinto, falámos de versos, de projectos, de livros, emquanto, na Avenida, soavam os tiros.

Assim passaram a noite de 18 de Junho de 1907 os dois compadres: o franquista e o republicano.

No fundo roçavamos sempre aquele vago idealismo politico bondoso que fez o poeta reconciliar-se com Deus, numa infinita anciedade, e até com a Igreja, e a mim continuar, como êle, adorando cada vez mais a essência divina que quis, sem dúvida, que, pela madrugada da morte do querido amigo, tanto meditasse, de chofre, na nossa mocidade, vendo-o, quási ouvindo-o.

Talvez fôsse à hora em que êle pedia para abrirem a sua janela afim de contemplar as estrêlas!

Como as olhavamos nessa época, no campo,

no regresso das *hortas,* êle dizendo versos, nós ouvindo-o, recolhidamente!

> E na minha alma, triste, insatisfeita,
> Floriu o jasmim branco dum sorriso
> E disse: talvez seja a porta estreita
> do além, do bem, do céu, do paraíso . . .

Já lhe ouvira êstes versos, da *Sombra de Fumo,* naquelas horas de deambulação boémia. Ia para as alturas a sua alma de eleito:

> Espírito gentil, espelho d'água pura
> Onde o sorrir de Deus, clarão longínquo e brando
> Se reflectiu e se quedou, alumiando . . .

Querido Gil!

A última vez que o vi foi na escada do ministério do Interior.

Recordámos, como sempre, factos que formarão, um dia, um livro de Memórias.

—Adeus, compadre!

—Oh! meu rico compadre!

E lembrámo-nos da boémia, dos velhos amores, das doidices, dos nossos romantismos, da noite do regresso de João Franco, dos tiros e do tenente gritando-nos: «Para traz!».

Êle pegou-me no braço, subiu mais uns degraus, disse num desalento:

—Já foi governador civil democrático na província! Quiz matar-nos em nome da monarquia e era capaz de nos prender em nome da república! Que sorte! Sempre por cima!

E eu, sorrindo:

—Compadre, que bom tempo aquele!

—E que ricas enguias!

O abraço fraternal de sempre; desci para a Arcada, êle subiu, para a sua repartição. Nunca mais o vi, a não ser nessa noite inesquecível—já agora—em que a sua imagem, nìtidamente, me apareceu no meu leito febril. Talvês tivesse pensado em mim e nos outros camaradas, nessa hora derradeira, num sonho saudoso da boémia a perder-se no escuro duma cova e no negrume do tédio, como aquele *fourgon* que o levou e eu vi, através de um veu de lágrimas,—perder-se na bocarra trevosa do túnel a cuja passagem o poeta tantas vezes nos disse os versos evocadores:

Os que já sem remédio, ainda esperam,
Os felizes da desgraça—os que souberam
Pôr tôda a sua fé num sentimento!

E eu fui dêsses; continuei, nessa visão romântica, que me fazia vibrar quando nos abraçavamos.

—Adeus, compadre!

—Tu já não respondes; partes e levas contigo muito da minha vida antiga que começa a ser já uma triste saudade. Adeus, compadre!

E nunca mais ouvirei a tua resposta tão amiga, o eco do muito que nos quizemos.

ROCHA MARTINS

ÍNDICE

ÍNDICE

	Página
Rosas desta manhã — Prefácio	11
I — A omnipotência dos Amores	17
II — Ternura ciumenta	21
III — A Sírinx	23
IV — No túmulo duma criança	25
V — O doce pomo	27
VI — No túmulo de Mídas	29
VII — A nostalgia da Pátria	31
VIII — O espêlho de Lais	33
IX — No túmulo de Temócrito	35
X — A uma linda mulher que casou tarde	37
XI — Epigrama cómico ao Amor	39
XII — O mosquito alcoviteiro	41
XIII — Cegueira de amor	45
XIV — Epigrama cómico a Vénus	47
XV — Mensagem aos Lacedemónios	49
XVI — A fera devastadora	51
XVII — Doce remédio	53
XVIII — Heliodora, a bem falante	55
XIX — A Víbora	57
XX — O voto de Mènitas de Lictos	59
XXI — No túmulo dum náufrago	61
XXII — A morte do pastor	63
XXIII — O voto de Lucílio, marinheiro	65
XXIV — O saque dos Tirrenos	67
XXV — No túmulo duma hetaira de Colofon	69
XXVI — A cratera de vinho	71

ROSAS DESTA MANHÃ

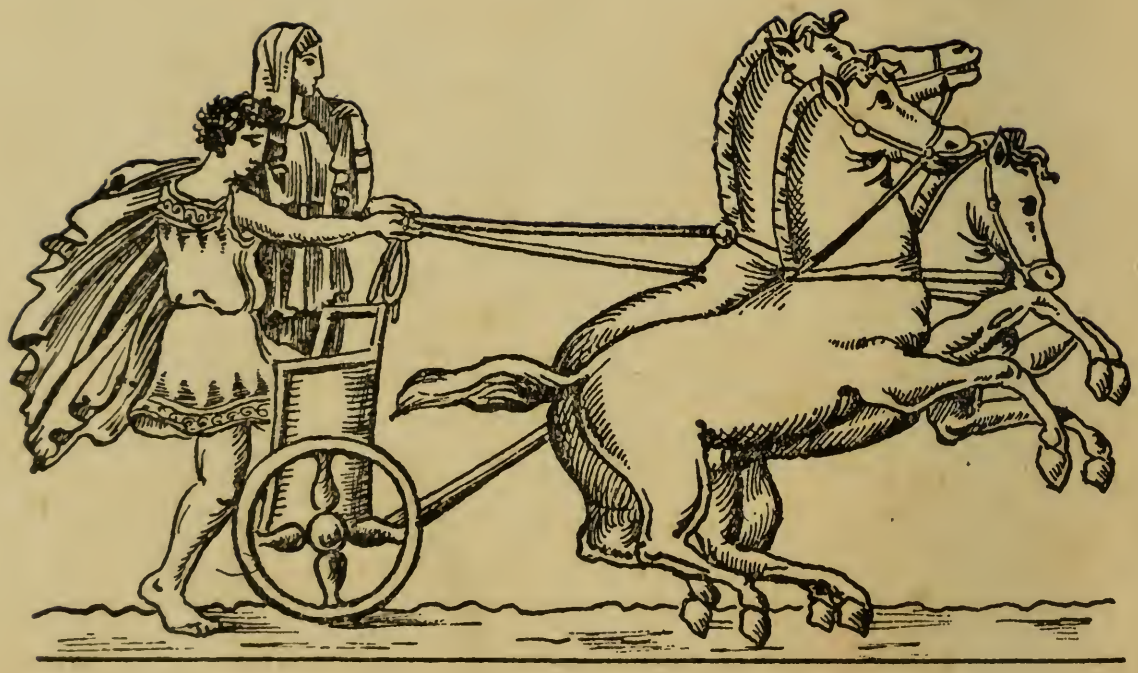
Página

XXVII — Epitáfio 73
XXVIII — Feliz mediania 75
XXIX — A ceia dos ratos 77
XXX — A ironia do Amor 79
XXXI — A paz da Morte 81
XXXII — A Felicidade 83
XXXIII — Cupido tornado lavrador 85
XXXIV — Ansiedade 87
XXXV — Um friso 89
XXXVI — Comeu, bebeu, folgou 91
XXXVII — O enguiço 93
XXXVIII — Orgulho desfeito 95
XXXIX — Profecia 97
XL — O sentido dum hexametro de Foclides 99

IN MEMORIAM

Por Acacio Paiva 103
„ Afonso Gouveia 106
„ Amândio Paul 108
„ Campos Lima 110
„ Fausto Guedes Teixeira 113
„ Francisco Santos Tavares 114
„ Guedes de Oliveira 120
„ João de Barros 123
„ João Paulo Freire 127
„ Júlio Dantas 128
„ Ladislau Patrício 131
„ Lourenço Cayola 134
„ Mayer Garção 139
„ Norberto de Araujo 142
„ Nuno de Montemor 145
„ Rocha Martins 153

Êste livro foi composto e impresso na
oficina «Ottosgrafica, Ltd.ª»
L. do Conde Barão, 50
Lisboa



PQ 9261 G5R6

Gil, Augusto
Rosas desta manhã

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 11 11 023 3